

Cheiro de Praia

Natália Scalvenzi¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Alice estava com a cabeça baixa e os olhos fixos em sua caderneta de folhas sem pauta. Enquanto a professora de Conceitos Básicos de Linguística organizava suas coisas para começar a aula das dez e meia da manhã de quinta-feira, a jovem, refugiada entre cinquenta e poucos de seus colegas, pintava com cuidado e de várias cores as florzinhas cujos contornos ela havia desenhado há pouco. Seu estojo, grande e cheio de canetinhas de pontas finas, repousava em seu colo, pois não havia espaço na prancheta da cadeira.

Ela sabia que dali a pouco teria que guardar a caderneta e as canetinhas e pegar seu caderno e uma esferográfica para anotar as coisas. Tinha certeza de que não poderia mais confiar em sua memória auditiva. Afinal, por culpa da ineficiência dela, um ano depois de ter ingressado no curso de Letras, Alice estava refazendo a disciplina de Conceitos Básicos de Linguística. Porém, não havia sido aluna de sua professora atual, o que, honestamente, a deixava bastante aliviada.

A mulher sentou-se à sua mesa e tirou de uma pasta a lista de chamada. Então, uma caloura abriu a porta — quase todos os alunos ali eram calouros, na verdade. Não estava atrasada de fato, o relógio de pulso de Alice marcava dez e meia em ponto, mas a sala já se encontrava lotada. Havia somente três cadeiras vazias ao fundo, praticamente inacessíveis. A menina permaneceu um momento no mesmo lugar, agarrando uma alça da mochila e aparentemente pensando no que deveria fazer. A turma já havia deixado de prestar atenção a ela, mas Alice não. Notava-a nervosa; seus olhos percorriam todo o lugar em busca de uma salvação. Tinha a pele muito branca, uma cabeleira negra e cacheada e usava óculos quadrados de armação vermelha. Diziam as línguas que não conseguiam ficar quietas dentro de suas respectivas bocas que essa menina era albina e tingia o cabelo.

Era ainda a primeira semana do primeiro semestre letivo do ano; Alice tinha Conceitos Básicos de Linguística todas as terças e quintas, portanto, já tivera uma aula com a menina. Se chamava Bianca Moraes. Havia decorado seu nome porque era o que seguia o primeiro da chamada, que era, justamente, Alice Barbosa. Na aula anterior, Bianca havia

¹ Estudante de Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tradutora de inglês e espanhol. Agradeço a Rejane Pivetta, uma de minhas professoras de Literatura ao longo do curso de Letras. Sem sua proposta de tarefa sobre ‘crossovers’ no mundo da literatura infanto-juvenil, esta história jamais teria tido a chance de nascer.

sentado no centro da primeira fileira, e parecia que o que a afligia naquele dia era justamente o fato de estar impossibilitada de fazer o mesmo.

Alice seguiu-a com o olhar até a mesa da professora. Ela cochichou algo à mulher, que abriu um sorriso simpático.

— Imagina! Nem te estressa — tranquilizou-a e, então, dirigiu-se aos alunos que estavam sentados na primeira fileira. — Gente, alguém, por favor, libera um lugar aqui na frente pra nossa colega que, assim como eu, não enxerga muito bem de longe.

A professora ajeitou os próprios óculos e os alunos que estavam perto dela deram risadinhas, Bianca inclusive, meio sem jeito. Uma menina que não usava óculos cedeu o seu lugar no centro da fileira. Bianca agradeceu-lhe, tímida, e sentou-se.

Depois da aula, Alice seguiu para o RU. Ainda que não fosse ter aulas à tarde nessa quinta-feira, estava com fome e gostava da comida da universidade. No caminho, encontrou Bianca sentada sozinha em um banco perto do Bar da Letras, sob a sombra de uma das muitíssimas árvores do Campus do Vale da UFRGS. A menina havia saído um par de minutos antes que ela da sala e, agora, com os óculos pendurados no decote da regata e os cachos presos em um coque alto, passava protetor solar no rosto de uma maneira bastante meticulosa — até mesmo nas orelhas! *Ela deve ser albina mesmo*, pensou Alice. *Só um albino se preocuparia tanto com a proteção de cada centímetro de pele*. Em seguida, pensou sobre como nunca havia visto um albino com o cabelo tingido antes. Melhor dizendo, ela nunca havia visto um albino de *qualquer jeito* antes.

Enquanto se aproximava de onde Bianca estava, pôde perceber que suas sobrancelhas eram tão clarinhas que quase nem se faziam notar. Sorriram cordial e docemente uma à outra uma vez que Bianca viu que Alice passava por ela.

Sob o sol do meio-dia, a fila do RU 3 estava quase que literalmente quilométrica, como sempre. Fazia um calor de trinta e seis graus. Alice suspirou, preparando-se para sofrer, e posicionou-se ao final da fila. Logo atrás dela, vinha Bianca. Alice notou que as lentes dos óculos da menina eram sensíveis à luz do sol, pois agora estavam escuras.

— Oi — cumprimentou Bianca polidamente e então apontou para a quantidade absurda de pessoas. — *Essa é a fila do refeitório?*

A pergunta foi claramente feita com uma mistura de indignação e desesperança. Alice sorriu, enternecida. A palavra *refeitório* — no lugar da sigla de Restaurante Universitário — indicava o quão caloura a menina era.

— É, infelizmente.

Bianca pôs as mãos na cintura e olhou brevemente para o céu azulzinho, posicionando-se atrás de Alice.

— Ô, Pai... por que me abandonaste?

A outra não pôde evitar dar uma gargalhada.

— Mas não te preocupa porque anda super rápido. Tá, não *super* rápido, mas rápido. Além do mais, daqui a uns dois meses, pode ter certeza de que metade dessa gente desiste da faculdade e a fila diminui bastante.

— Tomara.

Então, sem tirar a mochila das costas, Bianca puxou, de um dos bolsos laterais, uma sombrinha e abriu-a. Alice sentiu-se meio mal por ela. Não se tratava de uma simples preguiça de esperar em uma fila gigante; ela realmente *necessitava* proteger-se o máximo possível do sol. Logo, um pensamento mais alegre invadiu a mente de Alice. Ela também levava um guarda-chuva sempre consigo — por recomendação de sua mãe —, portanto, também poderia usá-lo para não assar naquela fila.

— Olha, mas que boa ideia! — tirou o guarda-chuva da mochila e abriu-o.

Desta vez, foi Bianca quem soltou uma gostosa risada e Alice sentiu-se mais feliz.

— Obrigada. Assim eu não me sinto a diferentona.

— Não tem por quê. Vira e mexe o pessoal abre o guarda-chuva na fila pra escapar do sol também. Aliás, no fundo, a gente é tudo diferentão — Alice piscou para ela. Em seguida, a fila andou um pouco. — Eu me chamo Alice.

— Bianca — a menina sorriu. — Qual é a tua ênfase? Eu sou do bacharelado em inglês, ainda que não goste muito dessa coisa de rotular a pessoa pela ênfase. Por exemplo, eu adoro música latina e, se desse pra escolher duas ênfases, escolheria espanhol também.

— Bom, a minha paixão é uma só: licenciatura em Libras — Alice abriu um sorriso orgulhoso e viu, mesmo através das lentes escuras, que Bianca arregalou um pouco os olhos.

— Sério? Que amor!

— Pois é. Eu tenho uma irmã mais nova, Lorena, de nove anos, que é surda. Assim que a gente descobriu a surdez dela, a minha mãe, que se formou em Letras e era professora de português na época, fez uma especialização em Libras e hoje em dia dá aula nessa área. Meu pai e eu somos fluentes pelo contato que a gente tem com a Lorena e com a comunidade surda, mas sempre dá pra aprender mais. De qualquer jeito, a gente praticamente respira Libras e eu amo isso.

Bianca sorria, comovida.

— A tua relação com a tua irmã deve ser muito linda.

— Aquela lá é o amor da minha vida — confirmou Alice, sem pestanejar.

As duas sorriram uma à outra e a fila andou mais um pouco.

— Mas eu entendo o que tu quis dizer sobre os rótulos — Alice prosseguiu. — Por mais que eu ame estar na Letras, não sou uma *letrista* de mão cheia. Até gosto bastante de Literatura, por exemplo, mas tem outras matérias que, pra mim, são um porre. Tipo Conceitos Básicos de Linguística. Tanto que eu tô tendo que refazer ela porque, no meu primeiro semestre, eu ficava desenhando ao invés de prestar atenção ao que os alunos de Saussure dizem no Curso de Linguística Geral.

Bianca riu.

— Eu adoro desenhar, aliás — Alice agregou. — Pintar também. Quando eu era mais nova, pensava em cursar Artes Visuais, até que entendi que me dou bem com o meu amadorismo. Quando eu desenho ou pinto, eu meio que... viajo. Me sinto no meu próprio...

— País das Maravilhas?

Houve um par de segundos de silêncio até que Alice deu risada. Ia dizer simplesmente *mundo*, mas aquela escolha de palavras soou muito mais charmosa. Foi uma colocação sábia, como se Bianca tivesse quase certeza de como a outra se sentia e precisasse apenas de uma pequena confirmação. Essa quase total certeza fez Alice corar.

— É, acho que sim.

A multidão deu mais uns passos em direção ao RU.

— Os teus pais são fãs do Lewis Carroll? — Bianca indagou.

— Sim! A minha mãe é, na verdade. Mas, assim, fã nível nerd. Quase vergonha alheia. Ela tem umas cinco ou seis edições do livro clássico. Sem contar Alice no País do Espelho e todos os filmes. No meu aniversário de quatro anos, ela fez uma festa temática pra mim. Me colocou num vestidinho azul e *alugou* um coelho branco numa pet shop. Tu tem noção?

Bianca gargalhou, deixando a cabeça pender um momento para trás. Alice falava como se a mãe de fato a envergonhasse, mas, no fundo, ela achava tudo muito fofo. A mulher já lhe havia lido Alice no País das Maravilhas várias vezes e a jovem devia principalmente a esses momentos o gosto pela leitura que adquirira ao longo dos anos.

— Tu, loirinha desse jeito, deve ter ficado uma graça.

Alice corou de novo. Seu cabelo loiro era de uma tonalidade mais escura, liso e lhe chegava às omoplatas. Seus olhos eram de um suave tom de verde.

— Talvez. Eu só me lembro que, depois que acabou a festa, eu chorei por duas horas porque a minha mãe teve que devolver o maldito coelho.

Bianca riu outra vez.

— Tadinha.

— Mas, há dois anos, nós adotamos uma gata — o tom de voz de Alice voltou a alegrar-se. — Ela se chama Dinah, como a do livro. E, surpreendentemente, quem deu esse nome pra ela foi a minha irmã, não a minha mãe.

— Bah, mas esse cosplay foi levado a sério mesmo, hein?

— Pois é. Eu, por exemplo, às vezes acho que falo ou indago demais, como a Alice original. Também converso muito com os meus botões. Todo mundo lá em casa acha que eu vou dar uma ótima professora por causa disso, mas o meu pai brinca que, ao invés de Libras, eu deveria lecionar filosofia ou sociologia, porque sou muito tagarela.

Bianca sorriu, analisando-a.

— Deu pra perceber que tu te expressa bem. Eu não te chamaria de tagarela, até porque é bom escutar alguém que tem desenvoltura pra falar. Tu tem cara de professora mesmo. Já eu, vou ser muito feliz quando começar a ganhar dinheiro traduzindo coisas do conforto e da reclusão da minha casa. Sou introvertida *demais* pra ser professora. Desde pequena tenho verdadeiro pavor de apresentar trabalhos.

— Bom, não que eu seja a melhor oradora do mundo, mas me sinto empoderada estando no comando da aula por alguns minutos. Se tu quiser, a gente pode fazer alguma futura apresentação de Linguística juntas e eu te passo os meus segredos — Alice voltou a piscar para ela, brincalhona.

Bianca assentiu, sorrindo.

— Eu adoraria.

Logo, as duas fecharam as sombrinhas, pegaram seus cartões da universidade e seus celulares para confirmar o número de seus tickets do RU. Sentaram-se lado a lado em uma mesa bem ao fundo do restaurante, perto das janelas, onde era mais fresco. Continuaram conversando animadamente, tanto que a comida esfriava devido à qualidade do papo.

— Eu aprendi o alfabeto manual quando eu era pequena, graças à Xuxa — contou Bianca em um dado momento. — Vamos ver se eu ainda sei soletrar o meu nome.

E começou, tentativamente. Alice corrigiu, com uma mão, o B e o primeiro A, que foram feitos na posição equivocada. Depois, parabenizou-a sacudindo as mãos perto da cabeça — era o aplauso da comunidade surda.

Não pôde deixar de notar a maciez da mão da menina, fruto da hidratação que lhe dava seu fiel companheiro: o protetor solar. Tampouco conseguiu evitar perceber, agora que as lentes dos óculos dela haviam voltado a clarear, que seus olhos eram castanhos. Essa constatação permaneceu no fundo de sua mente durante bastante tempo. Não era a cor de olhos que ela associava às pessoas albinas. *Será que são essas lentes de contato sem grau que só servem pra mudar a cor dos olhos?*, indagou-se, mas de-

cidiu não perguntar nada sobre isso, afinal, a palavra *albinismo* ainda não havia sido pronunciada na conversa.

Nenhuma das duas teria aulas à tarde, então, desceram juntas as escadas de pedra que davam para o terceiro bloco do campus. Haviam acabado de descer o último degrau e de dizer uma à outra suas idades — Bianca tinha dezoito e Alice, dezenove — quando a mais nova apontou, apressada, para um *UFRGS/Barra* que parecia esperar por ela.

— Meu ônibus! — deu um beijinho no rosto de Alice. — Tchau. Foi um prazer te conhecer.

E saltou para dentro do ônibus. Alice não conseguiu dizer nada. O fato de não terem trocado seus números de telefone a deixou um pouco triste. Sabia que teria outra chance na terça-feira, mas esperar quatro dias — isso se não a visse antes pelos corredores — pareceu-lhe muito. Então, sem pensar duas vezes, embarcou também. Sentiu um friozinho gostoso na barriga ao subir os degraus daquele ônibus que não era o seu. Era como perseguir o Coelho Branco. Tal metáfora a fez rir baixinho enquanto aproximava seu cartão do leitor e passava pela catraca. Na pior das hipóteses — que era perder-se —, ela mandaria um áudio para o pai pedindo socorro e ele viria buscá-la de carro.

— Oi — disse a Bianca com um sorriso travesso, sentando-se ao seu lado e colocando a mochila no colo.

A menina, que estava com a cabeça recostada no vidro da janela e os olhos fechados, quase deu um salto em seu assento. Também tinha a mochila nos braços e arregalou os olhos ao ver Alice ali.

— Oi — sorriu, por fim, ainda que confusa. — Ai, desculpa. Nem te perguntei qual é o teu ônibus. Que legal que é o mesmo que o meu!

— Na verdade, não é — corrigiu-a. A princípio, havia pensado em mentir para não parecer tão patética, mas... mentir dava muito trabalho. — Eu moro no Jardim Botânico.

— Ah. Então tu não vai pra casa agora?

— Vou, mas achei que seria divertido esticar um pouco a minha volta e conversar mais contigo.

Ser honesta nunca lhe havia dado tantas borboletas no estômago. Bianca riu, e o rubor em suas alvas bochechas foi evidente. Ao contrário de Alice, quem quase sempre antes de sair de casa tentava camuflar uma olheira aqui, uma espinha ali com a ajuda de leves camadas de corretivo, base e afins, Bianca não tinha um traço sequer de maquiagem no rosto. Seus cílios eram descoloridos como suas sobrancelhas.

— Pelo jeito que tu acabou de desperdiçar uma passagem, eu devo estar diante de uma burguesa safada.

O insulto foi dito de uma maneira descontraída e familiar, fazendo com que Alice risse desta vez. Era como se as duas fossem amigas há tempos.

— O que tu chama de desperdício, eu chamo de investimento. Mas confesso que tenho meus privilégios. Por exemplo, a passagem que eu acabei de “gastar”, economizei de manhã porque o meu pai sempre me traz de carro pro Vale antes de ir pro trabalho. Ou seja, só me vejo na obrigação de pegar ônibus depois da aula.

— Viu só?! Quem não enfrenta isso aqui lotado às sete da manhã, todo dia, tem atestado assinado e carimbado de burguês safado. Até rimou!

Alice voltou a rir.

— Eu aceito esse título. Mas que fique claro que eu sou uma burguesa safada com consciência de classe.

— Menos mal.

Depois de mais um momento de risada, as duas deixaram-se estar em um silêncio confortável. Bianca olhava pela janela e Alice ora fitava a mesma janela, ora fitava Bianca. De repente, como se sentisse que estava sendo observada, a menina virou-se para ela. Seus olhos castanhos enchiam Alice de uma curiosidade que a fazia formigar por dentro. *Como é possível?*, pensava.

— Que foi? — perguntou-lhe Bianca docemente.

— Nada — não tinha coragem de indagar e pôs-se a fitar a própria mochila.

— Pode perguntar — Bianca sorriu, confiante. — Se tem uma coisa que as pessoas fazem quando me conhecem, é perguntar. Eu não me incomodo.

Foi como uma poderosa injeção de coragem. Alice voltou a fitar aqueles olhos, dando-lhe um sorrisinho tímido. Parecia que Bianca sabia de absolutamente todas as focas que já circulavam sobre ela naquele campus graças às línguas inquietas.

— É que eu pensava que todos os albinos tinham olhos azuis. Ou meio transparentes.

A menina voltou a sorrir, pacientemente.

— A maioria das pessoas acha que albinismo é sinônimo de zero melanina no corpo, mas isso não é verdade em todos os casos. O albinismo, na real, é uma deficiência do organismo quanto a produzir melanina e existem níveis dessa deficiência, ou seja, existem albinos que são menos brancos ou mais brancos que outros. No meu caso, a pouca melanina que eu tenho se concentra, basicamente, nos meus olhos e por isso eu enxergo muito melhor do que a maioria dos albinos. Por exemplo, eu não tenho tanta fotofobia, que é a sensibilidade à luz, e a minha capacidade visual, sem os óculos, é de 60%. Os óculos me dão uns bons 20% a mais. Eu ainda enxergo mal de longe com eles, mas me considero

sortuda pra caramba porque muitos albinos de olhos claros, mesmo com óculos, têm 10, 15% da visão só. Às vezes até menos.

A boca de Alice estava seca e seu coração apertado de angústia. Dava graças a Deus por Bianca não ter uma visão tão ruim, mas ao mesmo tempo sentia-se mal por esses outros albinos que não tinham a mesma sorte.

— Eu não fazia ideia de tudo isso. Imaginava que a luz do sol incomodava os olhos de vocês, mas não sabia que os problemas de visão podiam ser tão sérios. Pensava que a possibilidade de desenvolver câncer de pele era a única coisa que preocupava vocês de verdade.

Bianca deu uma suave risada, como se dissesse “ledo engano”.

— Não. Na verdade, pros albinos que têm baixa visão, a questão da pele é o menor dos empecilhos. Eles enfrentam vários desafios que eu não enfrento, tipo o nistagmo, que é quando os olhos se movem involuntariamente de um lado pro outro. Isso faz com que os olhos cansem muito, principalmente na hora de ler. Enfim, todos os meus amigos albinos têm nistagmo e baixa visão, e *eu* é que sou a privilegiada safada em comparação a eles.

Ela concluiu com uma entonação mais positiva, quase engraçada. De qualquer jeito, a presença de tais privilégios na vida de Bianca fazia Alice sentir-se aliviada.

— E o teu cabelo? — esta também alegrou o tom da conversa. — Eu nunca ouvi falar de um albino que pintasse o cabelo.

— Claro, porque é um saco ter que ficar retocando as raízes — Bianca justificou-se em um falso tom mal-humorado. — Não, mentira. Quer dizer, é chato, mas a maioria dos albinos não pinta o cabelo por uma questão de identidade. Inclusive, eu tretei feio com um casal de amigos meus, albinos, por querer pintar o cabelo no início do ano. Eles diziam “Mas por que tu quer pintar? O teu cabelo é tão lindo descolorido. Mostra aos outros quem tu é. É parte da tua essência”. E eu falava “Gente, mas que inferno! O meu cabelo é só o meu cabelo. Assim como o albinismo é só uma das inúmeras características que eu tenho como pessoa. Uma característica da qual eu aprendi a ter muito orgulho, sim, mas continua sendo só uma característica. Eu não me resumo a ela”. Além do mais, existe essa falsa crença de que nós albinos não podemos pintar o cabelo porque a química da tintura é muito forte e “com certeza” queima o nosso pobre couro-cabeludo e nos intoxica até a morte.

Alice riu da evidente dramatização.

— Muita gente ignorante enche a boca pra falar de nós, na verdade — Bianca continuou, com o brilho no olhar de quem anseia colocar para fora algo que esteve entalado na garganta durante muito tempo. — “Ai, porque os albinos não podem fazer isso,

não podem fazer aquilo...”. E eu posso! Desde que eu esteja abrigada do sol ou besuntada com protetor solar, eu posso tudo!

Alice contemplava-a com uma admiração que enchia-lhe o peito. Fazia um par de horas que se conheciam, mas seu coração já palpitava de orgulho por ela. Passou um braço por trás de seus ombros e abraçou-a parcialmente.

— Como é que uma fada sensata dessas não vai poder tudo? É claro que pode!

Bianca riu e permaneceu um momento com a cabeça recostada no ombro de Alice, quem beijou-lhe a testa e começou a, finalmente, *prestar atenção* ao cheiro de protetor solar que cada centímetro exposto de sua pele exalava. Era um cheiro tão incrivelmente nostálgico para a loira que ela teve que fechar os olhos. Lembrou-se inevitavelmente dos incontáveis fins de semana que passara com sua família em Torres.

Depois de mais um considerável tempo de conversa, as duas trocaram seus números e seus Facebooks.

— Eu desço daqui a duas paradas — informou Bianca. Agora estavam em algum ponto da zona sul de Porto Alegre. Em outras palavras, longe o suficiente da zona de conforto geográfica de Alice. — E tu, o que vai fazer da vida?

— Não sei — a loira suspirou. — Nunca vim pra esses lados. Como é que eu volto pra minha casa sem precisar ligar chorando pro meu pai?

Bianca riu.

— Acho que, daqui, só indo até o Centro primeiro. Na minha parada passa alguns ônibus que vão pra lá. Então, do Centro tu pega outro ônibus.

Alice concordou e as duas desceram juntas em seguida. Bianca esperou, sob a cobertura da parada de ônibus, que o sinal ficasse vermelho para os carros. Logo, deu um abraço de despedida em Alice, abriu novamente a sombrinha e atravessou a rua. A outra observou-a seguir reto até desaparecer de seu campo de visão. Sorriu, concluindo que cruzar a cidade em troca de mais uns quarenta e cinco minutos da companhia daquela menina tão *iluminada* era um preço muito baixo a se pagar.

Já no ônibus a caminho do Centro, Alice mandou a Bianca sua primeira mensagem via WhatsApp e as duas começaram a conversar pelo aplicativo minutos depois. Bianca exibia os cachos negros e soltos em sua foto de perfil, bem como um sorriso largo e os óculos cujas lentes estavam escuras — o que indicava que ela estava em algum lugar ensolarado.

Em seu Facebook, a coisa era um pouco diferente. Sua capa era a dos calouros de Letras da UFRGS e, em sua foto de perfil, ela aparecia sentada e abraçada a um violão clássico marrom. Estava em algum lugar fechado, a julgar pelas lentes transparentes de

seus óculos, olhava concentrada para sua mão esquerda ao redor do braço do instrumento e o ângulo em que a foto havia sido tirada evidenciava os seus cachos presos em um rabo de cavalo, completamente descoloridos. Tinham quase o mesmo tom de sua pele e essa combinação era de uma beleza tão grande e tão única que Alice precisou de um momento para admirá-la.

Enviou-lhe uma solicitação de amizade e, quando chegou em casa e ligou seu laptop, em seu quarto, viu que já eram amigas. Desceu um pouco a página e observou o quadro de fotos de Bianca, no canto esquerdo. Também não eram tão recentes, pois seu cabelo ainda estava descolorido. Em quase todas elas, com exceção da última, a menina sorria abertamente em meio a um grupo de jovens, todos albinos. Pareciam estar felizes da vida em uma boate.

Até o momento, Alice pensava que Bianca não tinha “cara” de quem gostava de boates — pela introspecção que ela mesma havia mencionado mais cedo —, mas sorriu, lembrando-se de um pedaço de um programa sobre albinismo que havia visto há bastante tempo na televisão. Em alguns lugares do Brasil, os albinos eram chamados de *filhos da lua*. Vários trocavam as diversões diurnas pelas noturnas. Além do mais, fazia bem a Alice vê-la tão feliz. Pensou em Lorena e em como os olhinhos da irmã brilhavam de felicidade sempre que ela estava junto de seus amigos surdos — que frequentavam a mesma escola bilíngue de tempo integral que ela. Pertencer a uma comunidade, a um grupo que entende perfeitamente tudo pelo que uma certa pessoa passa, dia a dia, *sem* que essa pessoa tenha que se explicar — porque esse grupo passa pelas mesmas coisas —, é impagável. Essa era uma preciosa lição que Lorena havia ensinado a Alice e que, agora, enquanto ela fitava o sorriso largo de Bianca, fazia ainda mais sentido.

Na última foto de seu quadro, em contrapartida, a menina encontrava-se parcialmente abraçada a uma mulher que tinha melanina de sobra. Ambas sorriam de orelha a orelha, com os olhos estreitos e brilhantes de alegria. Alice clicou na foto e ela ocupou grande parte da tela. A mulher havia escrito um textinho para acompanhá-la e marcado Bianca na publicação. Parabenizava-a por ter passado no vestibular e dizia que a amava. Chamava-se Eloísa Moraes. Era sua mãe. No mesmo instante, Alice abriu a boca, incrédula. Seu primeiro e inevitável pensamento foi: *Ela é adotada*. Então, lembrou-se outra vez daquele programa sobre albinismo — era uma mutação genética mais comum em filhos de pais negros que em filhos de pais brancos. Fechou a boca e pôs-se a observar a foto com cuidado.

Mãe e filha se pareciam de uma maneira impressionante, ainda que suas cores fossem totalmente opostas. Na verdade, o único laço com relação à cor que as unia naquela

foto era o castanho de seus olhos. De qualquer jeito, seus traços e até mesmo o formato de seus cachos compridos eram inegavelmente semelhantes. O fato de serem tão diferentes e tão parecidas ao mesmo tempo era quase um milagre. Ou um simples deslize biológico que culminou em um verdadeiro espetáculo da natureza humana. Aquele contraste era tão lindo que encheu d'água os olhos de Alice, quem reagiu à publicação com um coraçãozinho.

No dia seguinte, Alice e Bianca encontraram-se no intervalo de suas aulas, almoçaram juntas outra vez e planejaram um passeio ao Parque da Redenção para o domingo, depois das cinco da tarde, quando o sol já estaria bem mais fraco. Permaneceram no parque até escurecer; primeiro, caminharam e depois sentaram-se na grama sobre uma canga de praia, compartilhando um chimarrão. A loira trouxera a primeira coisa e a morena, a segunda. Tiraram uma *selfie* juntas pela primeira vez.

Na aula de Conceitos Básicos de Linguística de terça-feira, Alice sentou-se ao lado de Bianca, no centro da primeira fileira de cadeiras. Notou que a postura da menina não era das mais exemplares; ela tinha que curvar-se porque precisava aproximar um pouco o rosto do caderno para escrever. Se não o fazia, não enxergava as letras tão bem. Aliás, ela só anotava o que a professora explicava de forma oral, basicamente. Ainda que sentasse na primeira fileira, não conseguia ver com clareza o que estava escrito no quadro branco ou nos slides.

— Por isso, eu sempre leio os textos que os professores pedem que a gente leia antes de cada aula — informou a Alice num dado momento. — Pra não ficar perdida, sabe? Até porque, no computador, eu posso dar zoom neles e tal.

— Eu *sempre* ficava perdida nessa aula no meu primeiro semestre. E a minha visão é boa. O problema é que eu era cara-de-pau e não lia os textos — murmurou Alice e Bianca riu. — Mas tu tem me motivado bastante. Ontem eu não dormi enquanto lia o texto de hoje e isso já é uma melhoria.

Na quinta-feira, a professora deixou uma tarefa simples para que os alunos fizessem em casa. Bianca convidou Alice para almoçar em sua casa usando tal tarefa como pretexto. Alice reconheceu que se tratava, efetivamente, de um pretexto porque o exercício era realmente fácil, mas aceitou o convite sem pestanejar.

Era o dia de folga da mãe da menina. Vê-las juntas, de perto, foi ainda mais impactante para Alice. Suas “semelhanças diferentes” — ou vice-versa — eram fascinantes. Eloísa esbanjou simpatia durante o almoço. Perguntou-lhe sobre sua ênfase, derreteu-se quando ela começou a falar sobre sua relação com Lorena, que estava intrinsecamente ligada à sua paixão por Libras, e pediu a ela que lhe ensinasse o alfabeto manual. Alice o fez com um carinhoso empenho.

Depois do almoço, as duas foram para o quarto de Bianca e começaram a fazer a tarefa de Linguística. Terminaram em menos de dez minutos e, então, notando o violão da menina em seu suporte, num canto do quarto, Alice pediu-lhe que tocasse algo. Bianca concordou de imediato, sorrindo — dava para perceber que aquele era um hobby pelo qual ela tinha paixão. Agarrou o violão, sentou-se na beirada de sua cama, desdobrou o apoio de perna que já estava preso à lateral do instrumento, apoiou-o sobre a coxa esquerda e começou a tocar.

Alice, sentada ao seu lado, reconheceu as primeiras notas de um tango famoso — *Por Una Cabeza*, ainda que não o conhecesse pelo nome. O som das cordas de nylon era tão aveludado e envolvente, e a melodia tão intensa, que Alice fitava-a hipnotizada. Observar como os dedos de Bianca passeavam de forma precisa pelo braço do violão era literalmente fascinante. Seus movimentos eram tão sofisticados que não parecia que aquela peça estava sendo tocada por uma menina de apenas dezoito anos. Ao mesmo tempo, ela fazia parecer que tudo aquilo era extremamente fácil de se executar. Um sorriso sutil, de orgulho por seu próprio desempenho, não abandonava seus lábios.

Alice não sabia se era por causa do tango e da enorme carga de paixão contida em tal ritmo, ou se era por causa daquele bendito sorrisinho orgulhoso, mas sentia-se formigar por dentro. Também tinha plena consciência de que estava, fazia um par de minutos, com a boca entreaberta. *É o tango*, sentenciou mentalmente assim que Bianca terminou de tocar, mas não soou nem um pouco convincente para si mesma. *O tango faz com que as pessoas... se apaixonem.*

— Uau... — suspirou. Era como se estivesse descendo lentamente das nuvens. — Foi... deslumbrante.

Antes que Bianca pudesse agradecer, Eloísa deu três batidinhas na porta, desculpou-se por atrapalhar o “momento musical” e anunciou que um bolo de cenoura estava quase saindo do forno.

— Com cobertura de brigadeiro — especificou e apontou para Alice. — E eu vou separar um pedaço pra tu levar pra Loreninha.

A mulher tinha um tom de “não aceito *não* como resposta” e voltou a deixá-las sozinhas assim que Alice agradeceu.

— A tua mãe é muito fofa — riu, enternecida por ela ter usado o diminutivo ao mencionar sua irmã. Era como se as duas já fossem amigas queridas da família.

— É. Mas ela tem a mania de enfiar comida nas visitas — Bianca soltou o violão ao seu lado na cama, tirou os tênis com os pés e cruzou as pernas sobre o colchão.

Alice deu outra risadinha.

— Vocês devem ser muito ligadas, né? Já que são só vocês duas morando aqui.

— Sim. Ela é a minha melhor amiga, na verdade. Tudo que eu sou, eu devo a ela. Por exemplo, eu não estaria na Letras se ela não tivesse trabalhado literalmente a vida toda em livrarias e me cercado de livros desde que eu era um bebê. E também... ela já aguentou muita merda vindo de gente ignorante por minha causa.

— Tipo o quê? — Alice indagou, unicamente porque sentia que a menina queria desabafar.

— Tipo... coisas que ela não precisava ter aguentado. Olhares, comentários. A gente sempre chamou a atenção das pessoas na rua e, quando eu era pequena e ela me levava, por exemplo, a uma pracinha, as mães das outras crianças perguntavam coisas pra ela. Se o processo de adoção tinha sido muito longo. Ou se ela era minha babá.

Um silêncio dolorido seguiu esse pequeno relato. Os olhos de Alice estavam úmidos.

— As perguntas sobre adoção não a ofendiam — Bianca prosseguiu. — Afinal, mãe adotiva também é mãe. O que a destruía era pensarem que alguém pagava pra que ela cuidasse de mim. Nessa época, eu chegava a rezar à noite, pedir a Deus que, por favor, me fizesse acordar no outro dia com a cor dela. E, como essas rezas não funcionavam, um dia, eu, com cinco anos, me pinteí inteira com guache marrom. Era um domingo. Ela estava na cozinha, eu na sala, e, quando viu a bagunça que eu tinha feito, não sabia se ria ou se chorava.

As duas riram enquanto Alice secava uma lágrima que descia de seu olho direito.

— Mas, mesmo com meio mundo dizendo que nós somos diferentes, ela *nunca* me tratou como diferente — Bianca agregou. — Claro, tem os meus avós e os meus tios que sempre me trataram com todo o amor do mundo, mas é a minha mãe com quem eu compartilho o meu dia-a-dia. É ela que luta as minhas batalhas comigo.

Mais alguns segundos de silêncio. Alice fez sua próxima pergunta com muita cautela. Na verdade, já imaginava a resposta.

— E o teu pai?

Bianca deu de ombros.

— Sumiu assim que me viu nos braços da minha mãe, recém-nascida e branca como a neve — ironizou. — Sério. Não tem como ver nenhum sinal de albinismo no ultrassom, então foi uma surpresa pra todo mundo no hospital. Só que os médicos explicaram a condição pra minha mãe e ela entendeu. O meu pai, não. Ele literalmente não acreditou na equipe médica. Achou que ela tivesse tido um caso com um cara branco e deu um chilique tão grande que os seguranças do hospital tiveram que expulsar ele de lá.

Quando a minha mãe voltou pra casa comigo, ele já tinha desaparecido.

Bianca contava tudo de uma forma neutra. Não havia raiva nem decepção em sua voz. Parecia que ela estava contando apenas mais um fato corriqueiro de sua vida. Em outras palavras, não parecia que precisava ser consolada. Mesmo assim, Alice passou um braço por trás dos ombros dela e Bianca recostou a cabeça em seu ombro.

— O macho escroto tem que acabar, sabe?

Bianca deu uma risadinha.

— Eu não fui a primeira nem vou ser a última a passar por isso. Na verdade, pouquíssimos são os pais negros de crianças albinas que aguentam o tranco.

— Mas a tua mãe podia ter colocado a polícia atrás dele — afirmou Alice em um tom mais firme. — Não pagar pensão é crime.

— Eu sei. Eu, inclusive, já disse isso pra ela várias vezes, mas ela sempre falou que nunca quis nada vindo dele depois que ele abandonou a gente, muito menos dinheiro.

Alice assentiu, decidindo não insistir. Era compreensível. Respirou. Continuavam na mesma posição e o cheiro do protetor solar de Bianca, bem como a proximidade das duas no geral, a fazia sentir-se muito bem. Lembrou-se da ironia dela momentos antes e tentou alegrar a conversa.

— Costumavam te chamar de Branca de Neve no colégio?

Bianca riu, voltando a endireitar-se.

— De vez em quando. Na real, acho que só fui chamada de Branca de Neve pelos meus amigos com melanina e por uma ou outra professora, num tom carinhoso. Porque, no fim das contas, esse é um apelido gentil, doce. E a piazada, quando quer ofender, procura justamente não ser nada disso. Então, partem logo pra Loira do Banheiro, folha de ofício, giz, Gasparzinho.

A menina relatava tudo num tom divertido, como se estivesse contando uma grande anedota, mas a raiva crescia no estômago de Alice.

— Olha... se um filho meu chegasse a te dizer algo assim, eu sacrificava. Pelo bem da sociedade.

— Ai, tadinho! Todo mundo já deu close errado nessa vida. Mas eu confesso que a minha infância teria sido muito melhor se a coisa tivesse ficado só no *Branca de Neve*. Eu teria crescido com a minha autoestima lá no alto. Afinal, a Branca de Neve é uma princesa. Meio mosca-morta, mas é uma princesa.

Alice refletiu por um instante.

— É meio irônico, né? Porque o teu nome é *Bianca*, ainda por cima.

A morena deu de ombros.

— O que é que tem a ver isso?

— *Bianca* é a versão italiana de *Branca* — informou Alice. — Eu li isso num site de nomes pra bebês porque precisava de um nome pra uma personagem de um conto que tive que escrever pra aula de Literatura no semestre passado.

Bianca fitava um ponto qualquer de seu quarto, embasbacada, como se sua mente houvesse acabado de explodir devido ao choque.

— Será que a tua mãe sabia disso quando escolheu esse nome pra ti? — Alice sorriu, intrigada.

— Sei lá. Se sabia, ela nunca me disse, e eu também nunca perguntei nada. Sempre achei *Bianca* um nome normal.

Alice agarrou o pulso de sua amiga, de repente bastante entusiasmada.

— Eu me voluntario pra começar a te chamar de Branca de Neve de agora em diante, como apelido carinhoso.

Bianca soltou uma de suas gostosas gargalhadas.

— Então tá — era como se não tivesse levado a proposta a sério.

Porém, no final da tarde, enquanto se despediam com um abraço longo e confortável, Alice sussurrou ao pé do ouvido da menina um *Até amanhã, Branca de Neve*.

Na sexta-feira, as duas não almoçaram juntas porque a turma de Alice havia sido liberada meia hora mais cedo da segunda aula da manhã e a fome venceu a loira, que marchou sozinha para o RU. A sobremesa do dia era maçã e, ao sair do restaurante, Alice agarrou duas. Ela adorava aquelas maçãs, eram pequeninas, crocantes e estavam sempre geladinhas, mas havia pegado a segunda para dar de presente a Bianca.

— Para a minha Branca de Neve — disse-lhe quando a viu saindo do prédio de aulas da Letras, entregando-lhe a maçãzinha em seguida.

— E ela continua com isso! — Bianca riu, aceitando o presente. — Não tá envenenada, né?

As duas sentaram-se em um dos bancos perto do prédio de aulas, sob a sombra de uma das incontáveis árvores do campus.

— Depende do ponto de vista. Os agrotóxicos podem te matar lentamente.

A morena riu e as duas passaram um momento em um silêncio confortável enquanto ela comia a maçã. Era o começo de uma tarde quente, ensolarada e abafada como várias haviam sido ultimamente.

— Eu preciso de uma praia! — Alice bufou alguns minutos depois.

— Eu também — concordou Bianca no mesmo tom descontente.

Inconscientemente, a loira surpreendeu-se com aquela declaração.

— Tu gosta de praia?

— Eu amo o *conceito* de praia, mas na verdade nunca fui a uma.

Alice pensou um pouco antes de fazer a próxima pergunta.

— Por causa do teu albinismo?

— Mais ou menos. Se eu perguntasse pra minha mãe agora por que ela nunca me levou à praia, ela diria que é porque nunca sobrou dinheiro pra isso, e é verdade, mas eu sei que, no fundo, ela ficou traumatizada por causa de umas poucas insolações que eu tive quando era pequena, então ela nem faz questão de economizar — Bianca deu de ombros, um tanto melancólica. — Mas ir à praia é um dos meus maiores sonhos. Às vezes eu procuro vídeos no YouTube de ondas quebrando na areia, desses feitos pras pessoas dormirem ou meditarem, só que eu não consigo relaxar com eles porque fico empolgada imaginando como seria estar em um lugar assim.

Alice riu, derretida.

— Isso é ainda mais irônico do que a questão do teu nome. Tu nunca foi à praia e mesmo assim tem cheiro de praia.

Foi a vez de Bianca dar uma gargalhada.

— É a segunda vez em menos de vinte e quatro horas que tu me faz pensar fora da caixa.

Pensar fora da caixa. A expressão fez com que Alice escutasse um clique em sua mente. Teve a ideia mais ousada que já tivera na vida. Sentiu que era um plano perigosamente genial e seu coração começou a palpitar devido à adrenalina.

— O que tu acha de passar o fim de semana comigo?

— Legal — Bianca franziu o cenho como se tivesse achado abrupta a mudança de assunto, mas logo sorriu.

— Ótimo! Eu te pego amanhã de manhã, às oito — a loira apontou um indicador para ela. — Esteja usando roupas leves.

E, depois de dar-lhe um beijo no rosto, foi embora sem dizer mais nada porque sabia que, se ficasse, mais cedo ou mais tarde acabaria dando com a língua nos dentes e estragando a surpresa.

Na manhã de sábado, pontualmente às oito, Alice cumpriu com o combinado. Com as mãos no volante do carro emprestado, sentia-se poderosa e nervosa em partes milimetricamente iguais.

— Entra aí, Branca de Neve!

De queixo caído, Bianca sentou-se no banco do carona depois de ter colocado sua mochila no banco de trás.

— A carteira é minha mas o carro é do meu pai — Alice explicou. — Talvez eu ganhe um de presente de natal, “se eu me comportar”.

— Burguesa safada do meu coração — Bianca riu e as duas cumprimentaram-se com beijinhos no rosto.

Depois de quarenta minutos de conversas alegres entrecortadas por momentos tranquilos nos quais ambas se calavam para escutar ou cantarolar alguma música que vinha do rádio ligado num volume confortavelmente baixo, a morena fitou Alice, curiosa.

— A gente já não deveria ter chegado na tua casa?

Um sorriso travesso curvou os lábios de Alice, quem olhou-a de lado por não mais que um segundo e depois voltou a fitar a rua diante de si.

— A gente não tá indo pra minha casa.

— Ah, não? E pra onde a gente tá indo?

Uma vez mais, Alice virou parcial e brevemente o rosto para sua amiga. Sussurrou:

— É surpresa.

Bianca ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

— Devo ficar com medo?

— Só um pouquinho.

Porém, no seguinte sinal vermelho, a motorista não conseguiu conter-se. Tirou as mãos suadas de empolgação do volante e apontou para o porta-luvas.

— Okay! Tem umas coisinhas aí que talvez te deem uma pista de pra onde eu tô te levando.

Bianca lançou-lhe um último olhar divertido de desconfiança e abriu o compartimento, tirando dali em seguida dois tubos de protetor solar fator sessenta novinhos, um menor para o rosto e outro maior para o resto do corpo. As feições da morena se suavizaram e ela sorriu.

— Guria! Não precisava. Eu sempre ando com os meus na mochila.

— Não quero saber! Essa ideia maluca foi minha e nada mais justo do que eu me responsabilizar pela tua saúde cutânea. Mas tem mais um negócio aí...

Bianca voltou a guardar os protetores e tirou do porta-luvas uma folha de ofício dobrada cuidadosamente ao meio. Desdobrou-a e cobriu um sorrisinho emocionado com uma mão. Viu-se desenhada ali, de costas, contemplando um oceano e um céu pintados com aquarela. Alice havia dedicado um tempo especial aos cachos negros dela, que tinham uma imensidão própria. A única fração da obra que não havia sido totalmente preenchida com nenhuma cor era o contorno delicado de seu corpo, feito com lápis.

— Sou eu...! — Bianca constatou, maravilhada. — É a melhor coisa depois de estar em uma praia de verdade!

— Tu ainda não fez as contas? — a menina fitou-a e deu de ombros. Alice achou tal ingenuidade uma graça. — Tá, é o seguinte: meus pais têm um apê em Torres. A gente vai pra lá quase todo fim de semana. Se meu pai passa um fim de semana que seja sem ir pra lá, já começa a ficar meio rabugento, sabe? Porque ele é que nem tu, adora a energia do mar. A gente não pôde ir no finde passado, então ele não ficou muito feliz com a ideia de perder esse também. Nem ele nem a Lorena, aliás. Mas eu posso ser bem convincente.

— Tu disse o que pra eles?

— Bom, pra Lore eu disse que, se ela deixasse nós duas irmos juntas, eu pediria pra tua mãe fazer mais bolo de cenoura pra ela — Bianca deu uma gargalhada. — E pro meu pai eu disse simplesmente que eu já te adoro e que eu queria ter só pra mim a tua carinha de felicidade quando tu visse o mar pela primeira vez.

Se o intenso rubor das bochechas de Alice tivesse um som específico, esse som teria se sobreposto ao suave som do rádio ligado após aquela declaração. Ela aumentou o volume do aparelho por via das dúvidas. Gradualmente, as duas começaram a cantar mais alto também, extravasando felicidade. O frescor que Alice sentia não vinha do vento que entrava pelas janelas abertas do carro, mas sim daquela incomparável sensação de *liberdade*. Desde que ela conquistara a carteira de motorista, há quase um ano, ela e o pai costumavam revezar ao volante; se ele dirigia até Torres, ela dirigia de volta para casa e vice-versa. Ela conhecia aquele trajeto como a palma da própria mão, e não passara a conhecê-lo apenas porque se tornara motorista; o conhecia muito bem desde pequena e o amava desde então. Porém, agora, o via diferente, mais atrativo, mais *mágico*, principalmente graças à menina sentada ao seu lado, iluminada de alegria. Bianca parecia fazer parte da paisagem de tão bonita que era. Tentava observar tudo de uma vez, como uma criança. Às vezes colocava o braço direito para fora da janela e Alice não podia evitar olhar para ela e sorrir, pensando que “sequestrá-la” daquele jeito havia sido uma das melhores decisões que tomara na vida.

Cerca de duas horas de estrada depois, Bianca fitava totalmente fascinada pela janela uma faixa de um azul intenso no horizonte que *não* havia sido pintada com aquarela. A intenção de Alice não era parar ali agora pois eram quase onze horas de uma manhã indubitavelmente quente e ensolarada; sabia que não era o melhor horário do dia para levar sua convidada para turistar. Porém, Bianca implorou para que parassem nem que fosse apenas por cinco minutos, para molharem os pés. Alice cedeu, é claro, com o coração derretido.

— Agora sim esse teu cheiro de praia vai fazer sentido — disse, espalhando protetor solar com carinho pelo rosto dela.

Bianca não voltou a colocar os óculos; deixou-os no porta-luvas com seus presentes antes de sair.

— Não te faz mal andar sem óculos escuros no sol? — a loira perguntou, preocupada, enquanto as duas atravessavam a ciclovia e em seguida o calçadão.

Bianca deu-lhe um sorrisinho, revirando os olhos, como se tivesse que responder aquela pergunta mais vezes do que gostaria.

— Eu sou albina, Alice. Não vampira. Quero guardar na memória as cores reais disso aqui tudo.

Era perfeitamente justo. Uma vez que haviam alcançado a areia, Bianca tirou os chinelos de dedo e Alice copiou-a, livrando-se de suas sandálias. A morena olhava para os próprios pés que brincavam na areia e ria, como se não acreditasse naquilo. Deu mais alguns passos em direção ao mar e, quando a espuma da primeira onda alcançou seus tornozelos, seu corpo inteiro enrijeceu, como se tivesse tomado um susto, para em seguida relaxar. Logo, vieram-lhe as lágrimas. Era precisamente *essa* impagável reação que Alice queria só para ela. Depois de ter tirado uma fotografia mental daquele momento digno de ser emoldurado, contagiada pela emoção de sua amiga, a loira abraçou-a, pensando novamente que trazê-la até ali havia sido uma das decisões mais sábias que tomara na vida.

Acabaram ficando um pouco mais de cinco minutos ali, apreciando o lugar e brincando de espirrar água uma na outra com os pés. Pediram pizza para a hora do almoço e, depois das quatro da tarde, voltaram para debaixo do sol, desta vez com biquínis por baixo das peças leves de roupa. Alugaram bicicletas e, após um passeio pelo calçadão, retornaram para a areia, e conseqüentemente, para a água, permanecendo na praia até que não houvesse mais nenhum vestígio de sol.

Pediram um sabor diferente de pizza para o jantar e dividiram a cama dos pais de Alice porque o quarto deles era privilegiado a ponto de contar com uma sacada “de esquina” para o mar. Às duas e meia da madrugada, a anfitriã abriu os olhos e percebeu que sua convidada estava justamente em tal sacada, com os braços apoiados no parapeito e a cabeça voltada para seu lado direito, contemplando a vista. Alice sorriu e caminhou até ela.

— É a coisa mais linda que eu já vi — Bianca afirmou quando notou-a ao seu lado. — Me deixa arrepiada. Não consegui dormir mais pensando que deveria aproveitar ao máximo enquanto posso olhar pra ele.

Num movimento carinhoso, Alice colocou um dos cachos de Bianca atrás de sua orelha.

— Tu fala como se eu nunca mais fosse te arrastar pra cá, mas a minha família vai querer te conhecer. Já quer, aliás. Tu e a tua mãe vão fazer parte das nossas farofadas semanais queiram vocês ou não.

Bianca riu, tímida.

— Mesmo assim. Não consigo tirar os olhos dele.

Ele, dele. A morena falava do mar como se fosse uma terceira pessoa, uma entidade viva. Após concluir que isso era algo apaixonante, Alice foi invadida por outra ideia ousada — *ousadíssima*, aliás — e perigosamente genial. Correu para longe de Bianca e voltou em seguida com uma barraca enrolada nos braços.

— Semana retrasada foi o aniversário da Lorena — começou a explicar — e ela inventou que queria acampar. Então, nós fomos pra um camping aqui perto. Foi bem divertido. Mas agora eu te proponho um acampamento raiz: na areia, com o mar e um nascer do sol só pra gente. O que tu acha?

Bianca deu outra risada, desta vez com os olhos arregalados.

— Eu acho que, como diz a minha vó, tu é louca de atar.

Alice deu um par de passos na direção de sua amiga e parafraseou, baixinho e sem desviar seus olhos dos dela, seu trecho favorito do livro favorito de sua mãe:

— Nós todos somos loucos por aqui. Eu sou louca, tu é louca.

As duas estavam próximas o suficiente para que Alice sentisse que, se tivesse uma gota a mais de coragem, a teria beijado logo de tal paráfrase, que pareceu bastar para vencer Bianca a aceitar aquela ideia ousada.

Novamente puseram biquínis por baixo das roupas, planejando dar outro mergulho assim que amanhecesse, e colocaram, cada uma em sua própria mochila, uma almofada e uma toalha. Apenas uma quadra separava o prédio de Alice da praia. As ruas estavam quase completamente adormecidas. Havia algo assustador e ao mesmo tempo eletrizante quanto a caminhar durante a madrugada. Ainda no começo do curto trajeto até a areia, Bianca agarrou a mão da loira que não segurava a barraca. Alice sentiu que a menina o fez mais por apreensão do que por qualquer outra coisa, mas mesmo assim derreteu-se e entrelaçou seus dedos aos dela.

As luzes da cidade faziam com que a praia não estivesse em meio ao breu total. Depois de terem montado a barraca em um local a uma distância segura da água, sentaram-se lado a lado na areia para contemplar o ambiente vazio ao redor. Tudo era arrepiantemente esplêndido, principalmente o som das ondas, mais poderoso que nunca. A noite estava estrelada e a lua minguante podia ser vista com perfeição. A brisa marinha fazia com que Alice quase sentisse frio.

As duas ficaram sem dizer nada por um bom tempo, até que Bianca rompeu o confortável silêncio.

— Eu tava com medo antes, sabe? Mas não tô mais. Gosto de pensar que essa sensação de tranquilidade é Yemanjá.

Alice não era religiosa, mas algo nessa declaração fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas.

O plano de ambas era ver o raiar do sol mas tal falhou miseravelmente. Já passava das nove da manhã de domingo quando Alice abriu os olhos e percebeu que seu braço esquerdo circundava a cintura de Bianca. A loira voltou a fechá-los pois queria que tudo permanecesse exatamente daquele jeito. Porém, antes de que pudesse pegar no sono outra vez, sua Branca de Neve acordou e arrastou-a para a água feliz da vida como uma criança no natal. Estava tão eufórica que esqueceu-se de seu mais fiel companheiro dentro de sua mochila, na barraca: o protetor solar. E Alice estava tão contagiada pela alegria dela que esqueceu-se de lembrá-la dele.

Mergulharam, nadaram e brincaram até que as pontas de seus dedos das mãos ficassem murchos e, quando Alice deu por si, os ombros, o peito e o rosto de sua amiga estavam vermelhos. Bianca fez pouco caso dessa vermelhidão que apertou o coração de Alice. Discutiram. A morena queria curtir a água em paz enquanto a loira, com uma autoridade quase maternal, mandava-a sair da água para que pudessem voltar ao apartamento. Depois de gastar muito latim, Alice conseguiu o que queria.

O prédio possuía quatro andares e não contava com elevador — o lar alternativo da loira ficava no terceiro andar. O silêncio reinava enquanto as duas subiam as escadas. Alice ainda estava magoada por causa da briga, porém a mudez de Bianca ocorria por outra razão. Ofegava e apoiava-se na parede enquanto a outra girava a chave na fechadura. Percebendo a fraqueza da amiga e esquecendo-se finalmente da discussão de um momento atrás, Alice tirou a mochila dos ombros dela e trouxe da cozinha um copo de água gelada. Assim que o deixou sobre a mesa da sala e perguntou-lhe se estava tudo bem, viu como Bianca agarrou o encosto de uma das cadeiras com uma mão na tentativa inútil de manter-se em pé. Por sorte, os reflexos da loira foram rápidos o suficiente para não deixá-la cair desmaiada no chão. Agarrou-a entre seus braços e tirou forças Deus sabe de onde para erguê-la e carregá-la até o sofá.

Sabia exatamente do que aquilo se tratava. Descansou a cabeça dela em uma almofada e logo, com os próprios dedos trêmulos, agarrou seu celular e digitou a palavra no Google. *Insolação*. Depois de ler o que precisava fazer, abriu as janelas da sala, ligou o ventilador de teto e correu atrás do borrifador de água de sua mãe. Em seguida, ajoelhou-

-se ao lado dela, tirou com cuidado sua regata e seu short, tentando não prestar atenção à vermelhidão de sua pele. Não podia entrar em pânico. Começou a, também cuidadosamente, borrifar água por seu corpo. Repetiu mentalmente a penúltima frase várias vezes, mas prometeu-se que, se ela não acordasse nos próximos dois minutos, chamaria uma ambulância.

Justamente essa promessa a fez perder as forças. Largou o borrifador e começou a chorar. O que diria a Eloísa? Como a encararia depois de ter levado sua filha à praia *sem* a sua permissão e de tê-la trazido de volta queimada? A mulher jamais confiaria nela de novo. Era tudo culpa sua. Aquela ideia perigosamente genial acabou por ser somente perigosa. De repente, as palavras *câncer de pele* e a imagem de Bianca em um caixão começaram a assombrá-la. Alice congelou da cabeça aos pés e deixou um beijo demorado em sua testa, tentando livrar-se desses pensamentos intrusivos. Lembrou-se de Yemanjá e fez uma breve e silenciosa prece a ela, pedindo-lhe que não abandonasse uma filha tão apaixonada pelo mar como Bianca.

Alice ainda estava com os lábios colados à testa dela quando sentiu-a mover-se debaixo de si. Quando a viu abrir os olhos, foi dominada por um alívio inigualável. Parecia ser um milagre da própria deusa do mar.

— Eu ia perguntar o que aconteceu... — começou a morena, ainda soando um tanto

zozona —, mas esquece. Já sei.

— Aconteceu que tu quase me matou do coração — Alice deu um par de borrifadas de água em seu rosto, como “castigo”, o que a fez rir.

Continuou molhando-a do pescoço para baixo, com calma, para garantir que sua temperatura corporal continuasse diminuindo.

— Desculpa por te preocupar — disse Bianca assim que tomou o copo d’água que Alice trouxera-lhe há alguns minutos. — Desculpa também por ter gritado contigo lá na praia, depois de tudo o que tu fez por mim.

— Não. Desculpa digo eu. A culpa foi minha.

Bianca franziu as sobrancelhas.

— Como assim? *Eu* esqueci de colocar o protetor. Era uma responsabilidade *minha*. Eu convivo com ela há dezoito anos.

— Mas tu só esqueceu porque estava deslumbrada com esse lugar. Eu sabia que te trazer pra cá era um risco. Eu ignorei esse risco e agora me arrependo. Se eu pudesse voltar no tempo...

— Para! — Bianca interrompeu-a com lágrimas nos olhos. — Se for pra terminar essa frase é melhor calar a boca. Escuta: tu me deu o melhor fim de semana da minha vida e eu não vou deixar tu mesma estragar ele.

Alice permaneceu em silêncio, mas quis sorrir diante do elogio que aqueceu-lhe o coração.

— Olha... — Bianca recomeçou, suavemente —, como eu já te disse, essa não foi a primeira insolação que eu tive e com certeza não vai ser a última. Eu fui imprudente hoje? Fui. Seria bom pra minha saúde física se isso não se repetisse? Seria ótimo. Mas *não dá* pra ser certinha o tempo todo! Tem horas que a felicidade é tanta que transborda e não dá lugar pra mais nada, principalmente pras regras. E, há um pouco mais de vinte e quatro horas, eu me sinto exatamente assim. Ontem tu me disse que iria fazer com que o meu cheiro de praia fizesse sentido, né? E tu fez isso. De agora em diante, sempre que eu sentir o cheiro do meu protetor solar, eu vou me lembrar desse fim de semana. Eu não me arrependo de nada e só tenho a te agradecer.

A essa altura, lágrimas escorriam dos olhos de ambas. Então, Alice fez o que há não sabia quanto tempo tinha vontade de fazer: beijá-la nos lábios. Seu arrependimento também já havia evaporado. Desde que entendia-se por gente, aquele lugar era seu próprio País das Maravilhas e, agora, havia mais um motivo para ele ser ainda mais maravilhoso.

— Só me promete que, da próxima vez, tu vai ser mais cuidadosa — pediu-lhe alguns segundos mais tarde, acariciando seus cachos.

Bianca bateu uma continência.

— Prometo, sim, senhora.

Satisfeita, Alice sorriu. Depois de dar-lhe mais um selinho, ordenou-lhe que fosse tomar um banho frio. Assim que Bianca saiu do chuveiro, a anfitriã prosseguiu com o controle de danos, passando carinhosamente sua loção pós sol sobre cada área minimamente avermelhada da pele de sua convidada. De qualquer jeito, ambas tinham certeza de que os danos causados por aquela aventura não seriam maiores que os benefícios.

